

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

DIEGO MOREIRA LOPES

UMA TRAJETÓRIA EM ARTE CONSTRUÍDA ATRAVÉS DO DESENHO

BELO HORIZONTE

2019

DIEGO MOREIRA LOPES

UMA TRAJETÓRIA EM ARTE CONSTRUÍDA ATRAVÉS DO DESENHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título bacharel em Artes Visuais, na habilitação de desenho.

Orientador:
Prof. Dr. Eugênio Paccelli da Silva Horta

Banca Examinadora:
Prof. Dr. Eugênio Paccelli da Silva Horta
Prof. Dr. George Gutlich

BELO HORIZONTE

2019

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. A PRÁTICA DO DESENHO NA MINHA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA	5
3. A ENTRADA NO CURSO E A MINHA RELAÇÃO COM A PRÁTICA DE DESENHO DE OBSERVAÇÃO	8
4. MEUS INTERESSES ARTÍSTICOS E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS MEUS DESENHOS DE OBSERVAÇÃO	13
5. AS INFLUÊNCIAS ARTÍSTICAS	17
6. OS CADERNINHOS DE DESENHO E AS NOTAS DE ARTISTA – ALGUMAS REFLEXÕES PESSOAIS SOBRE A MINHA PRÁTICA ARTÍSTICA	33
7. AS EXPERIMENTAÇÕES NA GRAVURA EM METAL	46
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

1. INTRODUÇÃO

Cresci durante as décadas de 1990 e 2000, época em que os mangás e animes japoneses estavam em ascensão no Brasil, fazendo enorme sucesso entre as crianças e adolescentes. Assim, uma das coisas que mais gostava (e ainda gosto) de fazer, era ler mangás e assistir animes, atividades essas que marcaram minha infância e adolescência, assim como a de muitas outras pessoas. Adorava me imergir naqueles mundos fictícios dos mangás e animes e acompanhar as histórias que ali eram narradas por meio do desenho. Isso me fez sonhar em um dia poder criar e representar mundos e personagens próprios em desenho, e o utilizar para narrar histórias tão interessantes e envolventes quanto às dos mangás e animes que gostava. Esse meu encanto e gosto pelos mangás e animes japoneses despertaram então em mim o interesse pela prática do desenho, a qual busquei aprender e tenho cultivado desde a infância.

Assim, neste trabalho, procuro descrever de maneira sucinta como se fez a minha caminhada com a prática do desenho até o dado momento, dando foco a trajetória artística que desenvolvi dentro do curso de Artes Visuais da UFMG.

Num primeiro momento, me coloco então a relatar sobre como se deu a prática do desenho em minha infância e adolescência, e falo da minha experiência com o exercício de cópia de imagens, e também com a construção de uma história em quadrinhos de autoria própria, a qual realizei já no final da minha adolescência.

Num segundo momento, abordo a minha entrada no curso de Artes Visuais da UFMG. Assim, me disponho a relatar sobre o modo como enxerguei e me relatei com o curso em seus períodos iniciais, e explico como e porque acabei voltando a minha prática para o desenho de observação no decorrer do curso.

Em seguida, apresento quais os temas gostava e procurei retratar através do desenho de observação, e quais meus interesses para com os mesmos. Menciono também como procedia para realizar meus desenhos e quais materiais costumava utilizar em sua execução.

Tendo então descrito meus principais interesses de representação em arte e o modo como procedia para executar meus desenhos, me disponho a falar um pouco sobre os artistas que me interessaram ao longo do curso, como o contato com seus trabalhos influenciaram a minha prática artística, e em quais aspectos isso se fez para cada um deles.

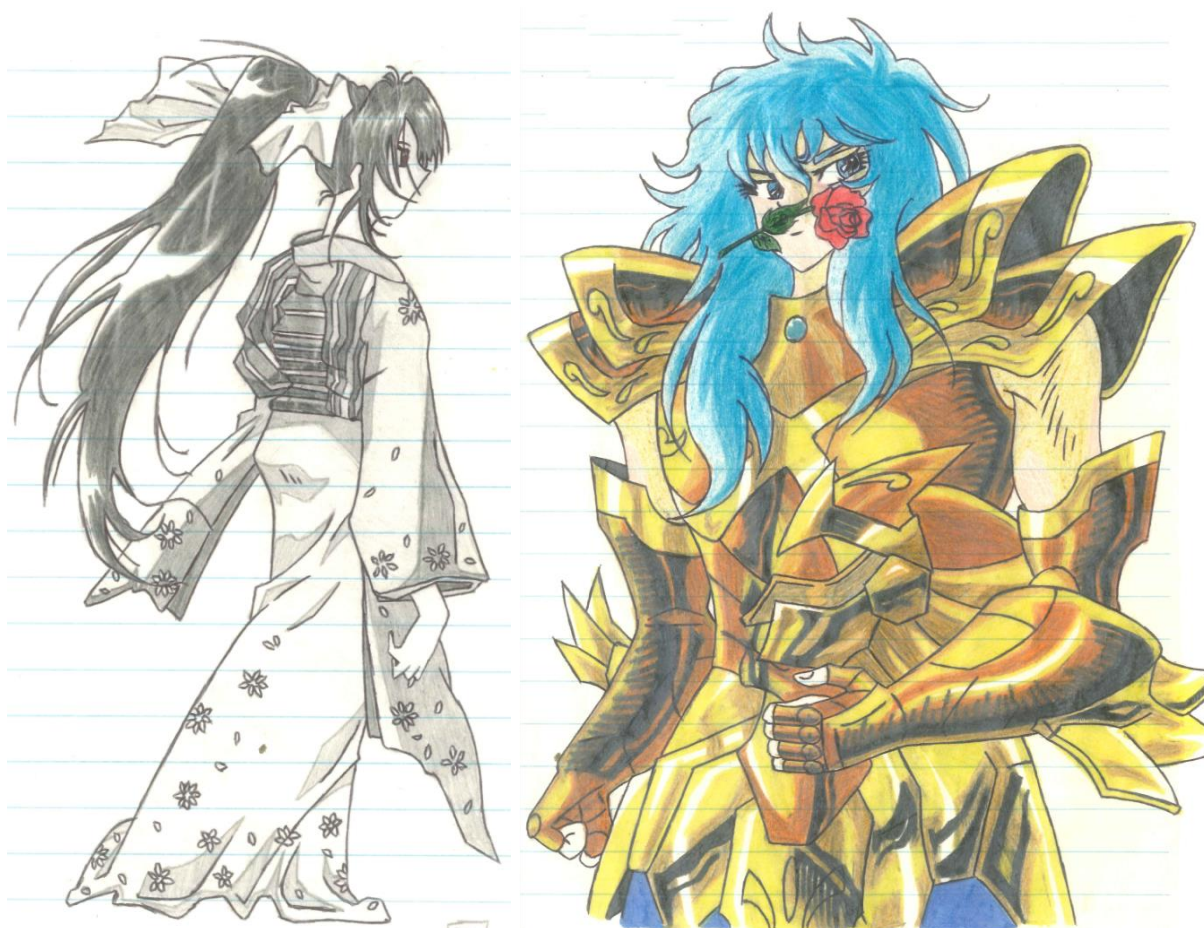
Posteriormente a isso, apresento alguns desenhos que realizei em dois caderninhos durante os anos de 2016 e 2017, estando parte desses desenhos acompanhados de notas de artista, através das quais procuro trazer e compartilhar algumas reflexões pessoais sobre minha prática de desenho de observação, visando com isso proporcionar um melhor entendimento do modo como me relaciono com a mesma.

Por último, apresento algumas gravuras em metal que realizei no ano de 2018, a procura por aprender sobre novas técnicas e meios de construção de imagens diversos do desenho.

2. A PRÁTICA DO DESENHO NA MINHA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Comecei a desenhar durante a infância, por volta dos meus sete anos de idade, influenciado pelo contato que tive com os mangás e animes de sucesso às décadas de 1990 e 2000, tais como Dragon Ball, Samurai X, Cavaleiros do Zodíaco, Naruto, dentre outros. Além de gostar das histórias narradas nessas obras, ficava fascinado em como as páginas de tais mangás conseguiam representar todo um mundo utilizando-se apenas de “algumas linhas e variações de preto e branco”, fator este que me incentivou a aprender a desenhar.

Posso dizer que minha iniciação em desenho se deu pelo exercício de cópia de imagens, através do qual busquei reproduzir os personagens dos meus animes e mangás favoritos, a fim de aprender a desenhá-los.

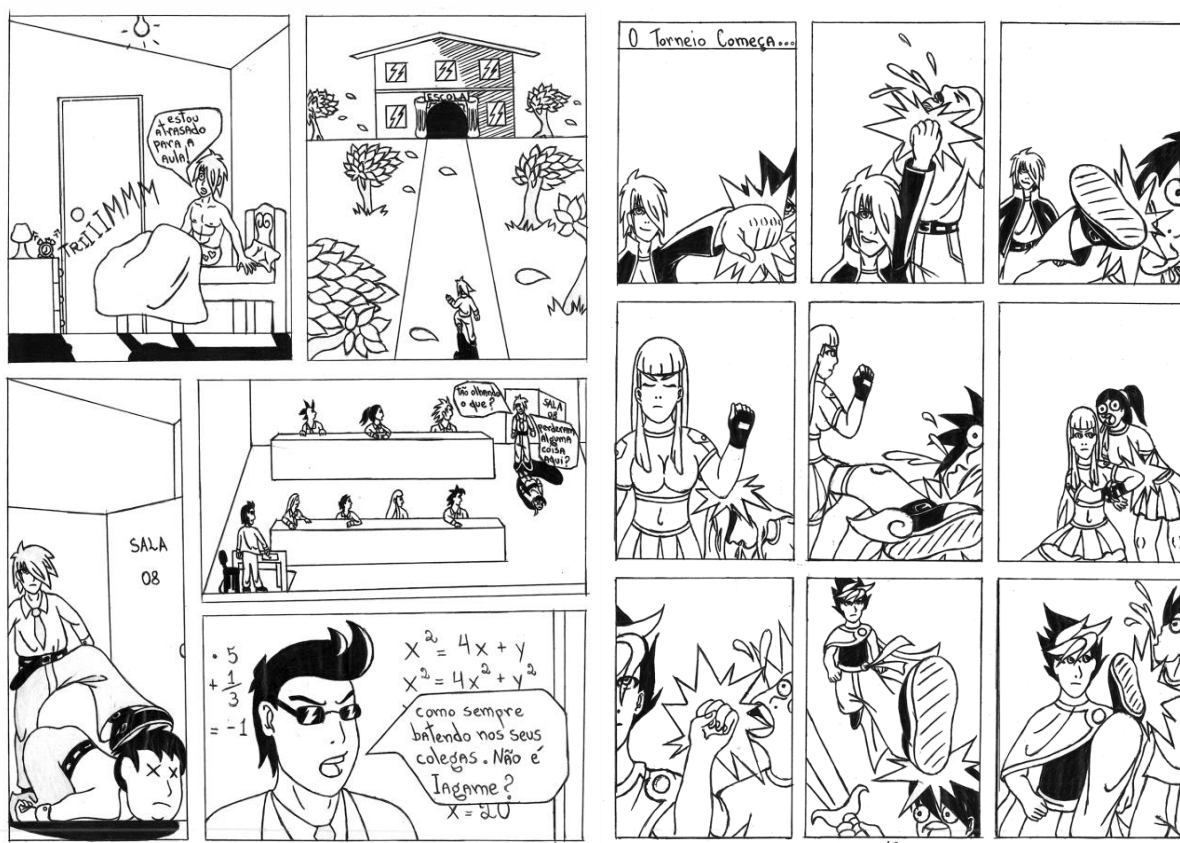


Scanner desenhos meus: Kaoru Kamiya, do mangá/anime Samurai X. Afrodite, do mangá/anime Cavaleiros do Zodíaco.

Para fazer tais desenhos eu usava uma imagem de referência e a reproduzia numa folha por meio da observação, procedendo da seguinte maneira: primeiramente fazia a lápis as linhas do desenho, em seguida as contornava com caneta preta e apagava o traçado a lápis, e,

então, coria o desenho com lápis de cor ou o fazia em preto e branco utilizando o lápis grafite para criar variações tonais de cinza. Nessa época eu não conhecia materiais próprios para produção artística, assim, para fazer os desenhos eu usava os materiais escolares de que dispunha, tais como: lápis de escrever comum, lápis de colorir comuns da marca Faber Castell, canetas Bic e folhas de caderno pautado ou de ofício tamanho A4.

Conforme o passar dos anos fui adquirindo uma maior experiência e confiança para com as minhas capacidades de desenho, e assim, mais tarde, quando estava a cursar o 1º grau do Ensino Médio, já ao ano de 2009, me desafiei a produzir uma história em quadrinhos (HQ) de autoria própria¹. Esta foi intitulada de “Jovens Guerreiros” e apresentava, em suma, o desenvolvimento do início de um torneio de lutas entre personagens fictícios, tendo como protagonista um jovem estudante chamado Iagame.



Página 1.

Página 18.

Para conseguir produzir tal HQ li algumas revistas contendo guias e dicas ensinando a desenhar mangás, as quais tratavam principalmente sobre a construção de personagens

¹ Realizada em folhas de ofício tamanho A4 e com arte final feita à caneta esferográfica preta.

conforme o padrão estético² desse gênero de histórias em quadrinhos. Mesmo com este aporte teórico, lembro-me que quando estava a executar na prática esta HQ, tive grandes dificuldades para conseguir desenhar os cenários e principalmente os personagens nas mais diversas posições e ângulos de visão, pois, diferentemente do que eu estava acostumado em relação ao exercício de cópia, no qual já me era dada uma imagem pronta, isto é, um modelo a seguir, agora havia se posto diante de mim o desafio de criar as minhas próprias imagens. Com muita peleja fui fazendo os desenhos da maneira que eu conseguia e, ao longo de dois meses, consegui produzir vinte páginas a compor tal HQ. A princípio gostei bastante do seu resultado, no entanto, dado algum tempo após a sua conclusão, ao observar novamente os seus desenhos com um olhar crítico, notei que eles se faziam bastante simplórios e sem “aprimoramento técnico” quando comparados aos desenhos contidos nos mangás que tanto me inspiravam³. Essas percepções a respeito da construção de minha HQ me levaram a ver o quão restrito ao exercício de cópia eu me fizera até aquele momento, e também a constatar que quase nada eu sabia em relação a técnicas de desenho. Dado este fato, decidi então procurar algum meio para desenvolver e melhorar as minhas habilidades de desenho, e, com este intuito, consegui mais tarde, no ano de 2013, entrar no curso de Artes Visuais da UFMG. Desse modo, aos meus vinte anos de idade, sai de minha cidade chamada Luz rumo à Belo Horizonte para fazer o referente curso, buscando um aprendizado técnico para aprimorar minha prática de desenho.

² Todos os desenhos apresentados anteriormente podem ser tomados como exemplos desse padrão estético referido.

³ Mencionadas anteriormente na página 1.

3. A ENTRADA NO CURSO E A MINHA RELAÇÃO COM A PRÁTICA DE DESENHO DE OBSERVAÇÃO

Ao entrar no curso de Artes Visuais, durante seus dois períodos iniciais (ciclo básico) fiz disciplinas introdutórias referentes às áreas de desenho, pintura, escultura, gravura, artes gráficas e história da arte, e ao longo delas pude construir uma base de conhecimentos teóricos e práticos a respeito da arte. Nesse processo, pude também compreender que tipo de ensino o curso se propunha trazer e o modo como ele se fazia na prática, em meio às aulas. Logo compreendi que o curso não possuía um foco técnico, mas sim na reflexão conceitual e estética sobre os trabalhos artísticos produzidos. Dizendo de outro modo, o foco do curso não era ensinar uma maneira única e “correta” de fazer, assim como numa espécie de tutorial, mas sim abrir a mente dos alunos para pensar as mais variadas formas de execução e possibilidades estéticas envolvidas na construção de uma imagem. Assim sendo, constatei que eu teria que desenvolver por conta própria a perícia técnica em desenho que eu tanto buscava. Foi então que, no terceiro período, quando escolhi a Habilitação de Desenho como caminho a seguir e me aprofundar dentro do curso, vi nas disciplinas de desenho de observação de objeto, paisagem e figura humana, um ótimo canal para o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades técnicas referentes ao desenho.

Nessas disciplinas aprendi sobre técnicas de desenho e também sobre construção e representação de imagens, pois seus respectivos professores (Conceição Bicalho, Antônio Signorini e Eugênio Paccelli) se punham a trazer variadas propostas artísticas em suas aulas; buscavam ensinar de maneira clara e objetiva sobre conceitos de desenho; apresentavam materiais artísticos distintos e orientavam os alunos em como podiam explorar as possibilidades oferecidas por cada um deles; faziam análises a respeito da construção técnica e imagética dos trabalhos artísticos desenvolvidos por cada aluno, enaltecendo as potencialidades e supostos pontos a melhorar em cada trabalho; e também incentivavam os alunos a pesquisar sobre artistas (sejam eles consagrados pela história da arte ou não) e a aprender através da observação dos trabalhos produzidos por eles.

Dentre os conhecimentos que construí nessas disciplinas posso citar como exemplo:

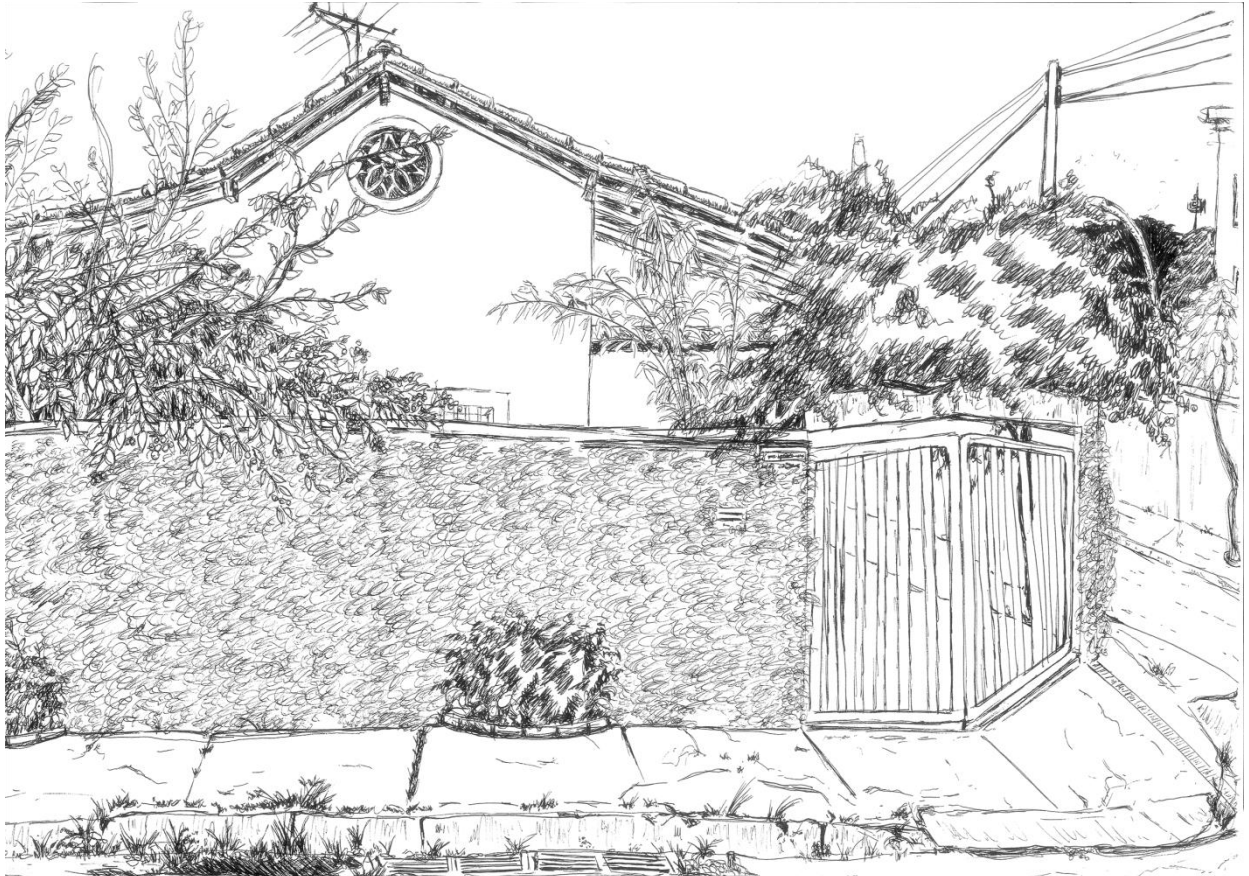
Na disciplina de desenho de objeto, aprendi a correlacionar tamanhos e proporções entre objetos; a compreender visualmente a sua tridimensionalidade no espaço; a entender

como a iluminação que os atinge afeta e constitui seu jogo de luz e sombra; a simular as diferentes texturas dos objetos no desenho mudando a forma como se pressiona e rabisca o lápis sobre o papel; um pouco sobre perspectiva; dentre outras coisas.



Sem título – Pena e tinta nanquim sobre papel Super White 180 g/m² – Dimensões: 33 cm x 48 cm – Data: 2014.

Na disciplina de desenho de paisagem, aprendi a selecionar enquadramentos e ângulos de visão para os meus desenhos; a manipular a disposição e o tamanho das coisas desenhadas para criar a ilusão de planos em profundidade numa imagem bidimensional; a utilizar a composição da imagem de modo a criar (ou não) pontos de interesse à visão; a usar manchas e aguadas de tinta nanquim na construção do desenho; a misturar e combinar cores nele; etc.



Sem título – Canetas nanquim sobre papel Super White 180 g/m² – Dimensões: 31,5 cm x 44 cm – Data: 2014.

Na disciplina de desenho de figura humana, aprendi a utilizar formas geométricas para estruturar o desenho das coisas observadas; a usar a gestualidade corporal no ato do desenho para dar maior ou menor espontaneidade e expressividade às linhas e manchas traçadas; a variar a espessura e intensidade das linhas feitas para dar mais dinamismo ao resultado estético do desenho; a fazer tanto desenhos maneira lenta e detalhista quanto de maneira rápida e esboçada; a usar diversos tipos de materiais artísticos para desenhar; a produzir desenhos em grandes dimensões, por exemplo, em tamanho A1; etc.



Sem título – Lápis grafite sobre papel Super White 180 g/m² – Dimensões: 45,3 cm x 35,7 cm – Data: 2014.

De maneira geral, as disciplinas de desenho de observação me proporcionaram a construção de um amplo conhecimento teórico e prático referente à representação de imagens e a conceitos de desenho, tais como: noções de proporção, forma, volume, texturas e luz e sombra a estruturar objetos/corpos, dentre outros mais. Ressalto que, como havia dito, o curso não possuía um foco técnico, no entanto, tais disciplinas abordavam um pouco sobre técnicas de desenho, mas não no sentido de um tutorial, onde o professor demonstra um passo a passo a se seguir para atingir determinado efeito ou resultado na imagem, mas sim ele apresenta possíveis maneiras de se construir imagens, e os alunos as usam do modo que bem entenderem.

Essas disciplinas foram então muito marcantes para mim por terem sido as que mais gostei de fazer ao longo do curso, e, através delas, consegui desenvolver enormemente o meu desenho visando um caráter realista. Tal fator me fez atribuir um enorme valor ao aprendizado construído através da prática de desenho de observação, e também me levou a enxergar sob a mesma, um caminho para se aprender a desenhar com relativa verossimilhança qualquer coisa do mundo, algo que vai muito além do aprender a desenhar conforme tutoriais ou formulas já pré-estabelecidas, pois a prática de desenho de observação nos exige desenvolver as nossas próprias maneiras de representar as coisas, assim como também pensar nossas próprias soluções para a construção de imagens. Desse modo, o desenho de observação se constituiu para mim, tanto como um meio para desenvolver as minhas habilidades técnicas em desenho, quanto como um caminho para se aprender a desenhar as coisas do mundo a minha volta, e, no decorrer do curso, se tornou a minha principal prática artística.

4. MEUS INTERESSES ARTÍSTICOS E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS MEUS DESENHOS DE OBSERVAÇÃO

Enquanto eu estava a cursar as disciplinas de desenho de observação, reparei que não gostava muito de desenhar objetos por si só, pois não via muito significado em desenhar coisas inanimadas. Queria desenhar coisas que tivessem um caráter vivo e orgânico, e, por tal motivo, acabei voltando minha prática para o desenho de observação de figura humana e de paisagem. Assim, do meu terceiro semestre adiante, por vezes, me coloquei a percorrer os espaços da UFMG, geralmente durante as tardes, a fim de desenhar as pessoas e paisagens que considerasse belas e/ou interessantes de retratar.

No desenho de figura humana, me interessava o aprendizado sobre anatomia e sobre as características estéticas dos rostos das pessoas. Assim, através dele busquei retratar a singularidade da aparência das pessoas.

Já no desenho de paisagem, me interessava o aprendizado sobre as diferentes formas e texturas dos elementos naturais⁴, e também o entendimento de como estes se dispunham no espaço. Através do desenho de paisagem busquei retratar, sobretudo, aqueles lugares repletos de vegetação, e que me pareciam ter um certo ar de serenidade, configurando assim paisagens que posso chamar de exuberantes ou sublimes.

Dentre os diversos lugares da universidade que me dispus a desenhar, o Jardim Mándala⁵, situado na Faculdade de Educação, foi o lugar que mais me inspirou devido a sua grande quantidade e diversidade de plantas e flores, sendo este espaço, portanto, o que retratei com maior recorrência em meus desenhos de paisagem.

⁴ Árvores, plantas, flores, etc.

⁵ Planejado e construído pelo artista e paisagista Wellington Dias, no início do ano de 2015.



Sem título – Lápis grafite sobre papel Canson 200 g/m² – Dimensões: 35,1 cm x 24,8 cm – Data: 2016.



Sem título – Canetas nanquim sobre papel Canson 200 g/m² – Dimensões: 42 cm x 29,5 cm – Data: 2015.

Para produzir os meus desenhos, costumava utilizar-me de folhas de papel Superwhite ou Canson avulsas, em tamanhos diversos, e também de caderninhos em tamanho A5, juntamente com um conjunto de três ou quatro canetas nanquim ou de alguns pequenos pinceis e tinta nanquim. Estes materiais foram os que tive maior interesse e afinidade em trabalhar, sendo assim os que utilizei para produzir a maioria dos meus trabalhos.

No desenvolver-se de minha trajetória artística, o meu gosto pelo desenho configurado por linhas e em preto e branco, advindo da influência estética dos mangás, se intensificou e orientou a construção dos meus trabalhos artísticos. Já o meu processo de construção dos desenhos sofreu algumas alterações se comparado ao que fazia antes de entrar no curso [ver pág. 1]; a principal delas foi que passei a fazer o desenho direto a caneta ou a tinta nanquim, sem fazer seu esboço previamente a lápis, pois notei que isso deixava minhas linhas mais espontâneas e fluídas, e, ainda, me poupava tempo na execução do trabalho. Para conseguir adotar essa prática de fazer o desenho direto a caneta ou a tinta nanquim, tive que aprender a assumir e incorporar possíveis “erros” ao desenho, os enxergando também como partes constituintes dele. No mais, também passei a usar aguadas de tinta nanquim para construir tons de cinza em alguns dos meus desenhos.



Sem título – Pincel e tinta nanquim sobre papel Super White 180 g/m² – Dimensões: 24,5 cm x 34,5 cm – Data: 2015.

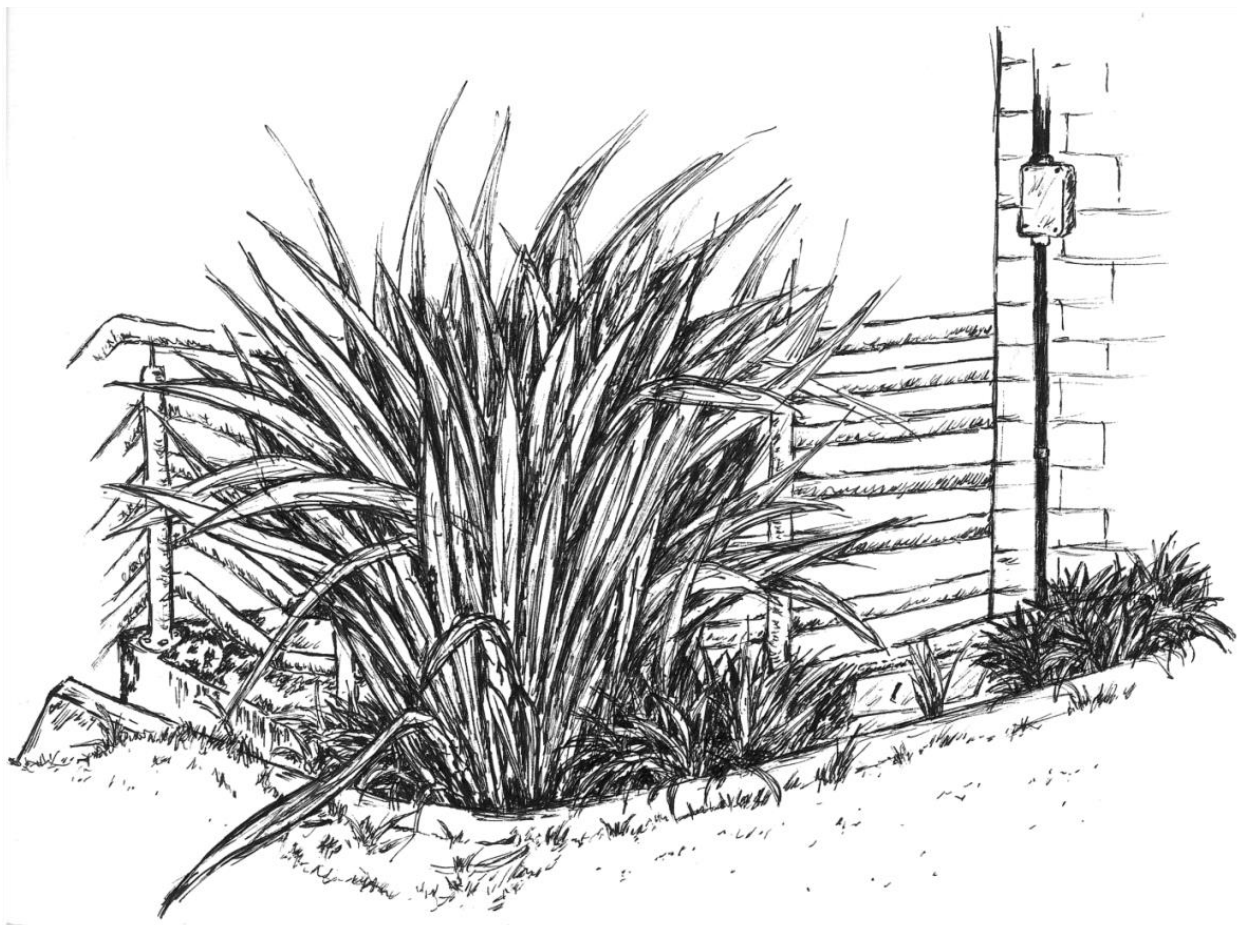
5. AS INFLUÊNCIAS ARTÍSTICAS

No decorrer de toda a minha trajetória dentro do curso, se por um lado a prática pedagógica dos diversos professores (não só os de desenho de observação) foi de suma relevância para o meu aprendizado em e sobre arte, pelo outro lado, o contato com a história da arte e seus artistas consagrados teve uma enorme influência sob a minha caminhada e interesses para com o desenho.

O primeiro artista que procurei conhecer e que acabei tomando como uma fonte de inspiração foi Leonardo da Vinci, pois me interessei bastante pelo modo como ele abordava a prática do desenho, simultaneamente, como um mecanismo de estudo e meio de expressão artística, assim atribuindo a seus desenhos um caráter científico e ao mesmo tempo artístico. O contato com o seu pensamento artístico influenciou a minha prática em arte rumo ao desenho de observação, o qual, assim como da Vinci, utilizei para estudar a aparência das coisas que me dispunha a observar. Isso foi fundamental para que, aos poucos, eu conseguisse desvencilhar dos meus desenhos aqueles padrões e convenções estéticas que havia incorporado das HQs japonesas, o que me possibilitou uma maior consciência sobre a minha prática de desenho, e mesmo o desenvolvimento de um traço mais autoral, uma vez que o desenho de observação nos força a recorrer à fonte primária das coisas e a tirar as nossas próprias impressões/conclusões sobre aquilo que se posta frente a nossa visão.



Fragmento da obra: Uma estrela de Belém e outras plantas – Artista: Leonardo da Vinci – Técnica: Giz vermelho, bico de pena e tinta sobre papel – Dimensões da obra completa: 19,8 cm de altura x 16 cm de largura – data de execução: 1506-1512. Link da imagem: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Leonardo_Blumen.JPG>.



Sem título – Canetas nanquim sobre papel Super White 180 g/m² – Dimensões: 21,7 cm x 26,6 cm – Data: 2014.

Realizei este trabalho em uma proposta da disciplina de desenho de paisagem, onde cada aluno devia fazer um desenho de observação, buscando imitar o estilo estético de um artista que gostasse. Assim, nesse desenho, procurei aproximar meu traço ao dos desenhos de Leonardo da Vinci.

Outro artista renascentista que também me influenciou bastante foi Albrecht Durer. Ao ver seus desenhos de plantas e animais, fiquei admirado com o alto grau de realismo, detalhamento e complexidade da imagem que este artista conseguia obter por meio da observação direta. Sua maestria na representação de imagens através do desenho de observação se tornou então um referencial a seguir para mim⁶. Isso consequentemente resultou em eu fazer desenhos com um tempo de observação cada vez mais extenso (horas a fio), sobretudo os referentes à paisagem, pois, sem que eu notasse a princípio, meu interesse sob esta acabou se voltando para aqueles lugares que se apresentavam cheios de detalhes e imageticamente complexos.

⁶ Esse fator também se fez com relação a Leonardo da Vinci.



Título: O grande conjunto de relva – Artista: Albrecht Durer - Técnica: Aquarela - Dimensões: 40,3 cm de altura x 31,1 cm de largura – data:1503.

Link da imagem:<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Albrecht_D%C3%BCrer_-_The_Large_Piece_of_Turf,_1503_-_Google_Art_Project.jpg>.



Título: Lebre Jovem – Artista: Albrecht Durer – Técnica: Aquarela – Dimensões: 25,1 cm de altura x 22,6 cm de largura – data: 1502.

Link da imagem:<https://en.wikipedia.org/wiki/Young_Hare>.



Sem título – Pena e nanquim sobre papel Canson 140 g/m² – Dimensões: 34,1 cm x 39,1 cm – Data: 2014.



Sem título – Canetas nanquim sobre papel Canson 200 g/m² – Dimensões: 17,5 cm x 25 cm – Data: 2015.



S/t – Canetas nanquim sobre papel Canson 200 g/m² – Dimensões: 30,1 cm x 19,8 cm – Data: 2016.



S/t – Canetas nanquim sobre papel Arches Canson 300 g/m² – Dimensões: 19 cm x 12,4 cm – Data: 2016.



Sem título – Canetas nanquim sobre papel Sulfite 90 g/m² – Dimensões: 28,8 cm x 28,8 cm – Data: 2014.

A procura por artistas consagrados pela história da arte que exploravam em suas obras o contraste de preto e branco, acabei encontrando e me interessando pelas gravuras em metal produzidas por Rembrandt van Rijn e Francisco Goya. Rembrandt me interessou pelo modo como ele usava hachuras para construir texturas e volumes sob as figuras e objetos que representava, e também pela maneira como utilizava o jogo de luz e sombra para manipular a iluminação de suas imagens, e assim criar um ar mais tênue ou dramático as cenas que retratava. Goya por sua vez, me interessou pela maneira como ele utilizava o contraste de preto e branco na composição da imagem para distinguir as figuras do fundo, e ao mesmo tempo, para dar maior ou menor destaque a determinados pontos ou elementos da imagem. Buscando então compreender como esses artistas trabalharam na prática esses aspectos citados, me dispus a reproduzir em desenho algumas de suas gravuras, as quais se encontram a seguir, acompanhadas de suas reproduções em desenho feitas por mim.



Título: Busto de um velho barbudo, olhando para baixo, três quartos a direita – Artista: Van Rjin Rembrandt. Desenho: Lápis sanguínea sobre papel Debret 200 g/m² – Dimensões: 20,3 cm x 21,3 cm – Data: 2014.
Gravura em metal – Técnica: Buril – Dimensões: 11,9 cm de altura x 10,6 cm de largura – data: 1631.
Link da imagem: <<https://www.themorgan.org/rembrandt/print/179767>>.



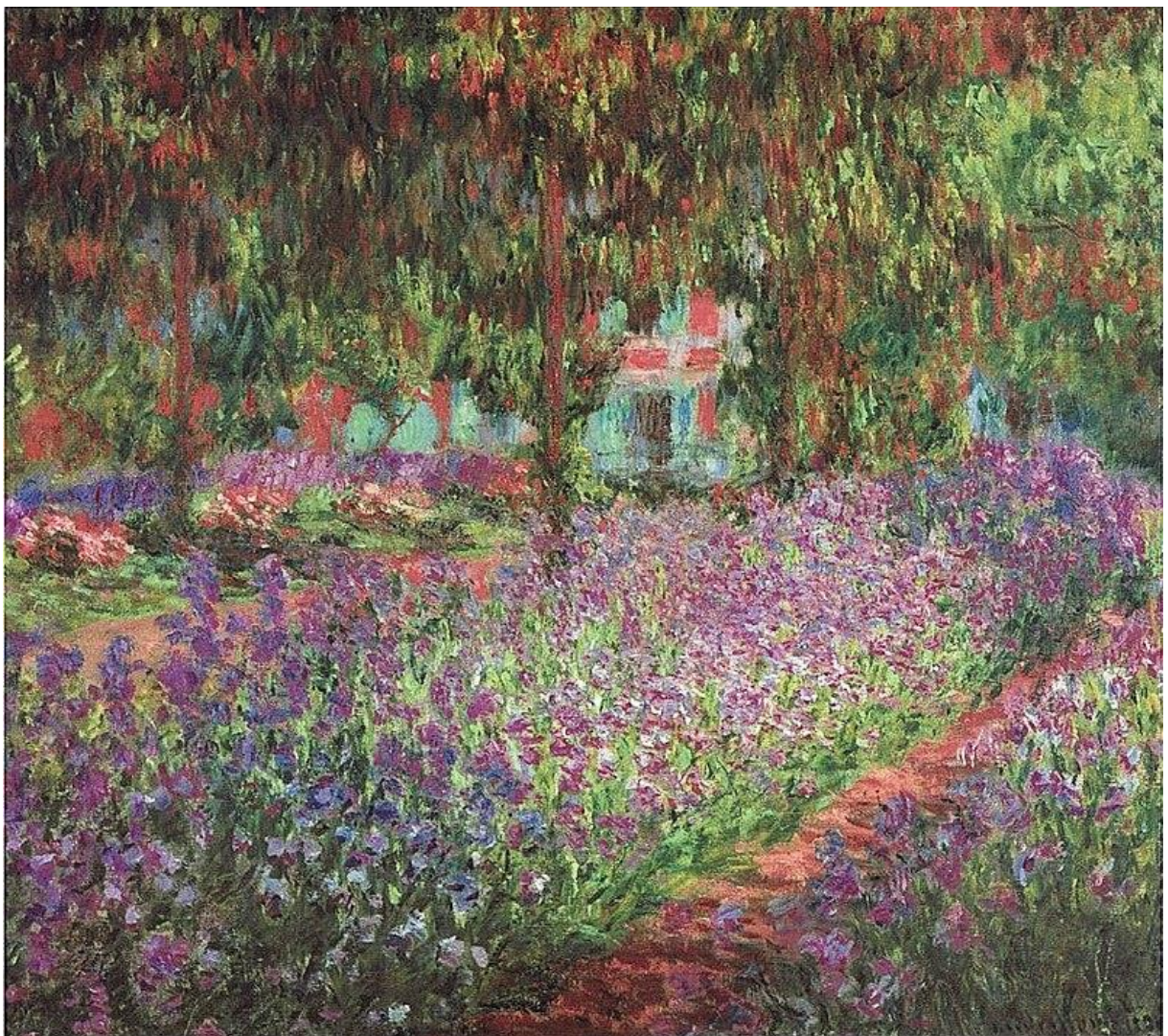
Título: O sono da razão produz monstros – Artista: Francisco Goya – Gravura em metal.

Técnica: Buril, ponta seca e água tinta – Dimensões: 21,5 cm de altura x 15 cm de largura – Data: 1799.

Link da imagem: <https://en.wikipedia.org/wiki/The_Sleep_of_Reason_Produces_Monsters>.

Desenho: Canetas nanquim sobre papel Sulfite 90 g/m² – Dimensões: 26,8 cm x 20 cm – Data: 2015.

Claude Monet também foi um dos artistas que tive contato em meus períodos iniciais na faculdade e que em muito me influenciou na escolha da paisagem exuberante como um tema recorrente a retratar. Ao ver as pinturas de paisagem Monet, fiquei encantado com o caráter tênue e idílico que elas transpareciam, e gostei principalmente daquelas que representam a beleza dos campos e jardins repletos de flores e vegetação, algo que muito me remetia aos jardins orientais e a sua relação de harmonia entre o homem e natureza. Tomando este tipo de representação da paisagem como uma fonte de inspiração para a produção de meus desenhos, passei então a reparar atentamente e a procurar nos espaços que percorria aqueles recortes de paisagem que transmitissem, ao meu entender, uma natureza de caráter exuberante e pacífico.



Título: O jardim do artista em Giverny – Artista: Claude Monet – Técnica: Óleo sobre tela – Dimensões: 81,6 cm de altura x 92,6 cm de largura – Data: 1900.

Link da imagem:< https://en.wikipedia.org/wiki/The_Artist%27s_Garden_at_Giverny>.

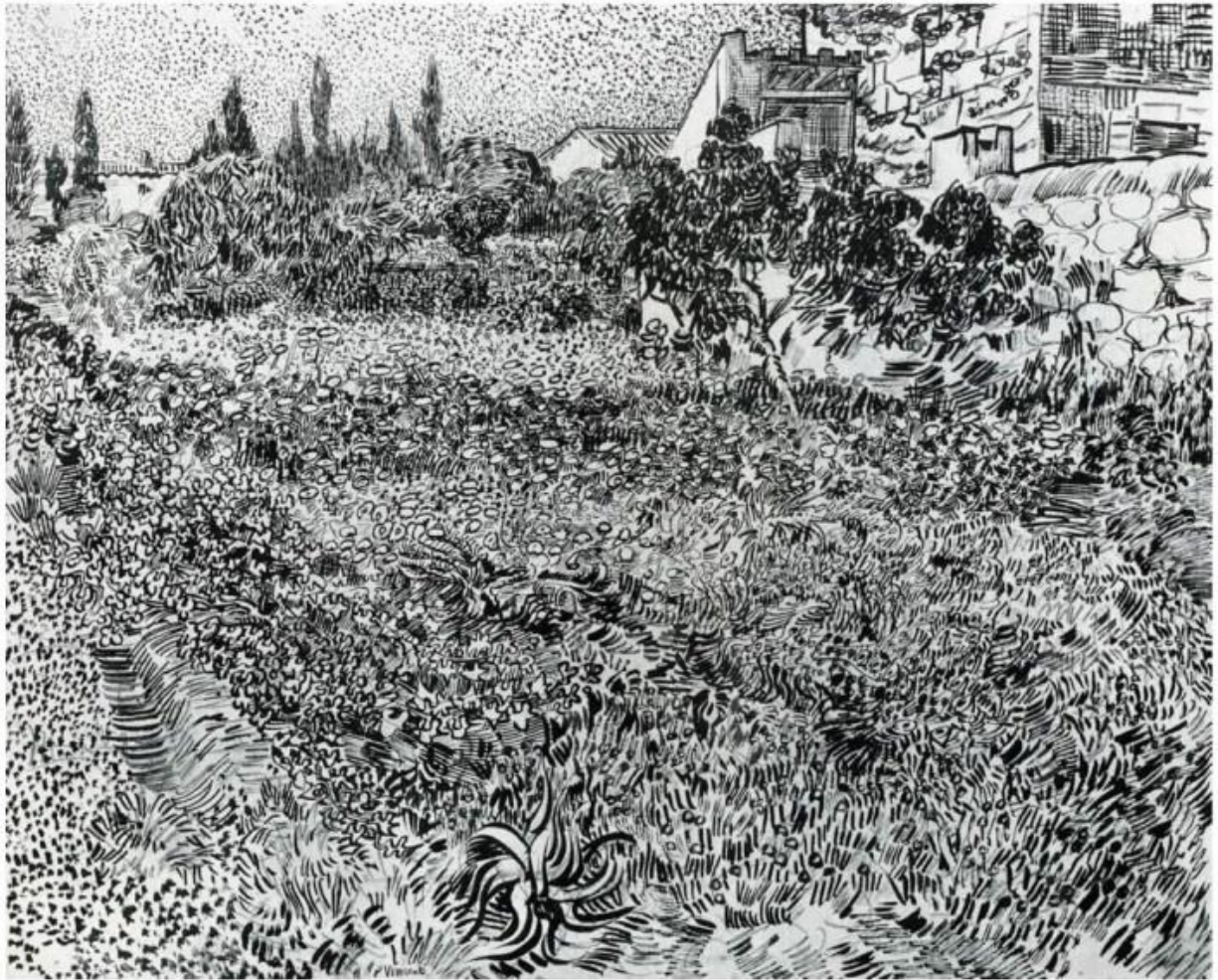


Sem título – Aquarela sobre papel Canson Montval 300 g/m² – Dimensões: 31,6 cm x 41,6 cm – Data: 2016.



Sem título – Aquarela sobre papel Super White 180 g/m² – Dimensões: 28,1 cm x 33,6 cm – Data: 2016.

Por último, posso citar mais dois artistas que acabaram influenciando no mesmo sentido a minha prática de desenho, sendo eles Van Gogh e Takehiko Inoue⁷. Ambos estes artistas me interessaram pela maneira como conseguiam trazer em suas obras, mais precisamente em seus desenhos de paisagens feitos à tinta nanquim, linhas dotadas de enorme fluidez, segurança e expressividade gestual, aspectos estes que procurei incorporar a meus trabalhos – e os quais Van Gogh, por sua vez, incorporou da arte japonesa.



Título: Jardim com flores – Artista: Vincent Van Gogh – Dimensões: 49 cm de altura x 61 cm de largura – data: 1888.

Link da Imagem:< <https://meishuzuopin.net/archives/2416>>.

⁷ Mangaká japonês e autor da série de mangás intitulada Vagabond: A história de Musashi, cujas paisagens me inspiraram a produzir os desenhos que se encontram logo após a página seguinte.



Scanner do Mangá Vagabond: A história de Musashi nº 9 - Capítulo 84: A promessa – Página 2. Dimensões: 23 cm x 15,5 cm. Autor/Artista: Takehiko Inoue.



Sem título – Pincel e tinta nanquim sobre papel Canson 200 g/m² – Dimensões: 30,4 cm x 25 cm – Data: 2016.



Sem título – Canetas nanquim sobre papel Super White 240 g/m² – Dimensões: 44,1 cm x 29,6 cm – Data: 2016.



Sem título – Canetas nanquim sobre papel Canson 200 g/m² – Dimensões: 48,7cm x 69,8 cm – Data: 2016.



Local: Rua Amílcar Viana Martins – Rotatória próxima ao prédio da Escola de Música da UFMG – Foto por: Rafael Moraes – Ano 2 016.

6. OS CADERNINHOS DE DESENHO E AS NOTAS DE ARTISTA – ALGUMAS REFLEXÕES PESSOAIS SOBRE A MINHA PRÁTICA ARTÍSTICA

Ainda no ano de 2015, quando estava a ler sobre a biografia de Van Gogh, vi que este artista costumava escrever em cartas a seu irmão Théo, anotações sobre o contexto e as experiências envolvidas na construção de seus trabalhos artísticos. Ao me deparar com essa prática do artista, a considerei muito interessante, e decidi me apropriar dela também. De tal maneira, passei a escrever notas sobre alguns de meus desenhos, procurando através delas refletir sobre a minha própria prática artística. Nessas notas, escrevi geralmente sobre quais aspectos gostei ou não no resultado de um determinado desenho, e procurei apontar a mim mesmo alguns pontos de minha prática artística que considerei que deveriam ser melhorados/aprimorados.

A grande maioria dessas notas que escrevi se encontram no verso de alguns desenhos feitos em dois caderninhos de tamanho A5. Os desenhos situados no primeiro destes caderninhos foram realizados ao longo do ano de 2016, e tinham como intuito o treino de desenho de observação de figura humana. Para produzi-los, costumava ir a algum ambiente de socialização, geralmente as cantinas dos prédios da UFMG, e me colocava a desenhar as pessoas que estavam no local, sem que elas soubessem que eu as estava desenhando. Meu intuito com este exercício era aprender a retratar as pessoas que via sem que elas precisassem ficar paradas posando para mim, pois, nem sempre é possível se ter uma pessoa posando por horas para que se possa desenhá-la. Assim, desenhar pessoas que estão em constante movimento foi para mim um exercício para desenvolver certa agilidade no desenho, buscando conseguir captar o semblante das pessoas em alguns poucos minutos de desenho de observação. Quanto mais tempo a pessoa permanecia no local, mais precisão e detalhes eu conseguia atribuir ao desenho em relação à pessoa observada. A seguir selecionei para apresentar aqui alguns dos desenhos desse caderninho, parte deles acompanhados de suas respectivas notas de artista.



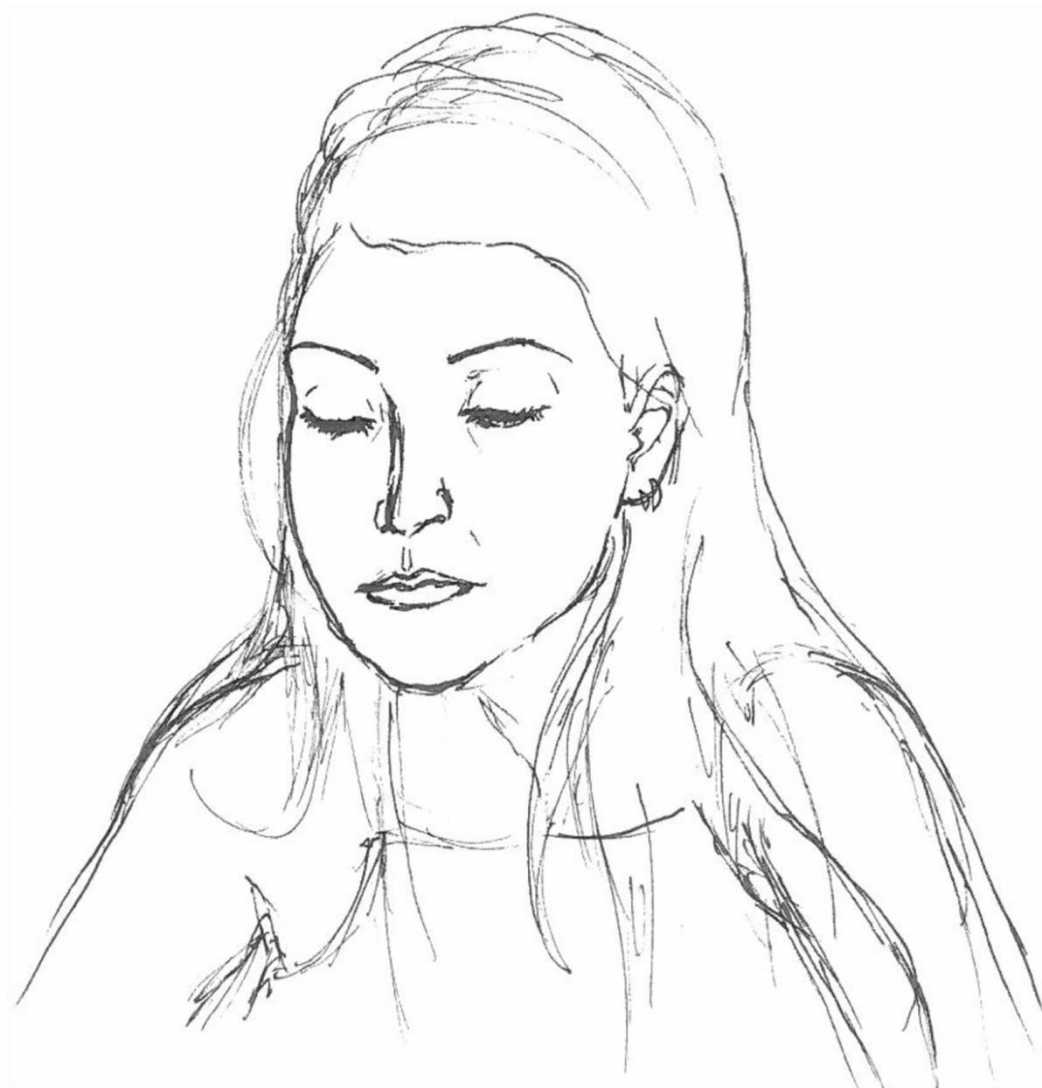
Notas de Artista

Quando Fico a muito tempo sem desenhar ou quando tenho demasiado medo de errar algum traço, a hesitação se torna evidente.

Não consegui executar a perspectiva do Alto/de cima, Assim como se fazia, eis então que ela parece se fazer de frente e ao mesmo nível da modelo. Assim, o violino parece decair, em vez de se fazer perpendicular ~~paralelo~~ ao pescoço.

Como eu ~~tirei~~ ^{arqueei} um sorriso da modelo em meio as expressões tensionadas e frustradas pelas ^{falhas na} execução de uma música difícil?
Ao que parece, meu olhar trouxe leveza a cena.

Escola de Música da UFMG - 28/10/2016



Portanto, devo me dar ao prazer de cometer todos os erros possíveis. Coisa que ainda não aprendi a fazer.

Olho muito grande. Observar mais atentamente a proporção.

Os erros são mais importantes que os acertos, pois o primeiro termo ~~é o fator que nos faz chegar~~ ^{nos leva} ao segundo. Isto é, os acertos derivam em grande parte ~~dos erros~~ da experiência adquirida com os erros.



Um Acento em meio aos tropeços da prática.

Resultado da ~~minha~~ reflexão ^{sobre a} ~~de~~ minha prática de desenho incorporada neste caderno de estudos. Fiz neste desenho específico, um esboço geral, sem reforçar linhas e sem acrescentar detalhes cujo o tempo de observação não me permitiu. O desenho se expandiu pelo espaço da folha e a hesitação nos traços se tornou mínima.

1/12/2016



Ambos: Sem título – Canetas nanquim sobre papel Canson 100 g/m² – Dimensões: 21,5 cm x 13,7 cm – Data: 2016.



Ambos: Sem título – Canetas nanquim sobre papel Canson 100 g/m² – Dimensões: 21,5 cm x 13,7 cm – Data: 2016.



Nota: o pescoço está muito longo. Mas tal aspecto não
desfaz a harmonia do todo.

A paciência é a melhor ^{companheira} amiga de todas para
aqueles que se dizem perfeccionistas.

Pedi a moça para desenhá-la enquanto ela fazia seu
trabalho no computador. Assim, ela tendo ciência que
eu lá estava a desenhar, eliminou-se ~~qualquer~~ de minha
parte e da dela, qualquer tipo de incômodo pelo fato.
Como ela não variou muito a sua postura/pose, tive bas-
tante tempo para me deter a proporção e aos detalhes.

2/12/2016

Posteriormente, no ano de 2017, iniciei outro caderninho de desenho (também em tamanho A5) com o mesmo intuito do anterior⁸, todavia, após fazer alguns poucos desenhos nele, senti a necessidade de praticar o desenho de observação a partir de pessoas posando para tal, pois queria fazer desenhos com um maior grau de detalhamento e precisão anatômica em relação às pessoas observadas. Para isso, procurei vez ou outra frequentar novamente a aula de modelo vivo do professor Eugênio Pacceli para treinar esses aspectos em meus desenhos. Nesse mesmo caderninho, também fiz alguns desenhos de observação de animais e paisagens, buscando trazer uma maior diversidade de temas aos desenhos contidos nele. Abaixo seguem alguns de seus desenhos, estando os três últimos acompanhados de notas de artista.



Sem título – Pincel e tinta nanquim sobre papel Hahnemühle 140 g/m² – Dimensões: 20,7 cm x 14,1 cm – Data 2017.

⁸ Desenhar pessoas que estão em movimentação constante, isto é, que não estão paradas posando para serem desenhadas.



S/t – Canetas nanquim s/papel Hahnemühle 140 g/m²– Dimensões: 20,7 cm x 14,1 cm – Data 2017.



S/t – Pícel e tinta nanquim s/papel Hahnemühle 140 g/m²– Dimensões: 20,7 cm x 14,1 cm – Data 2017.



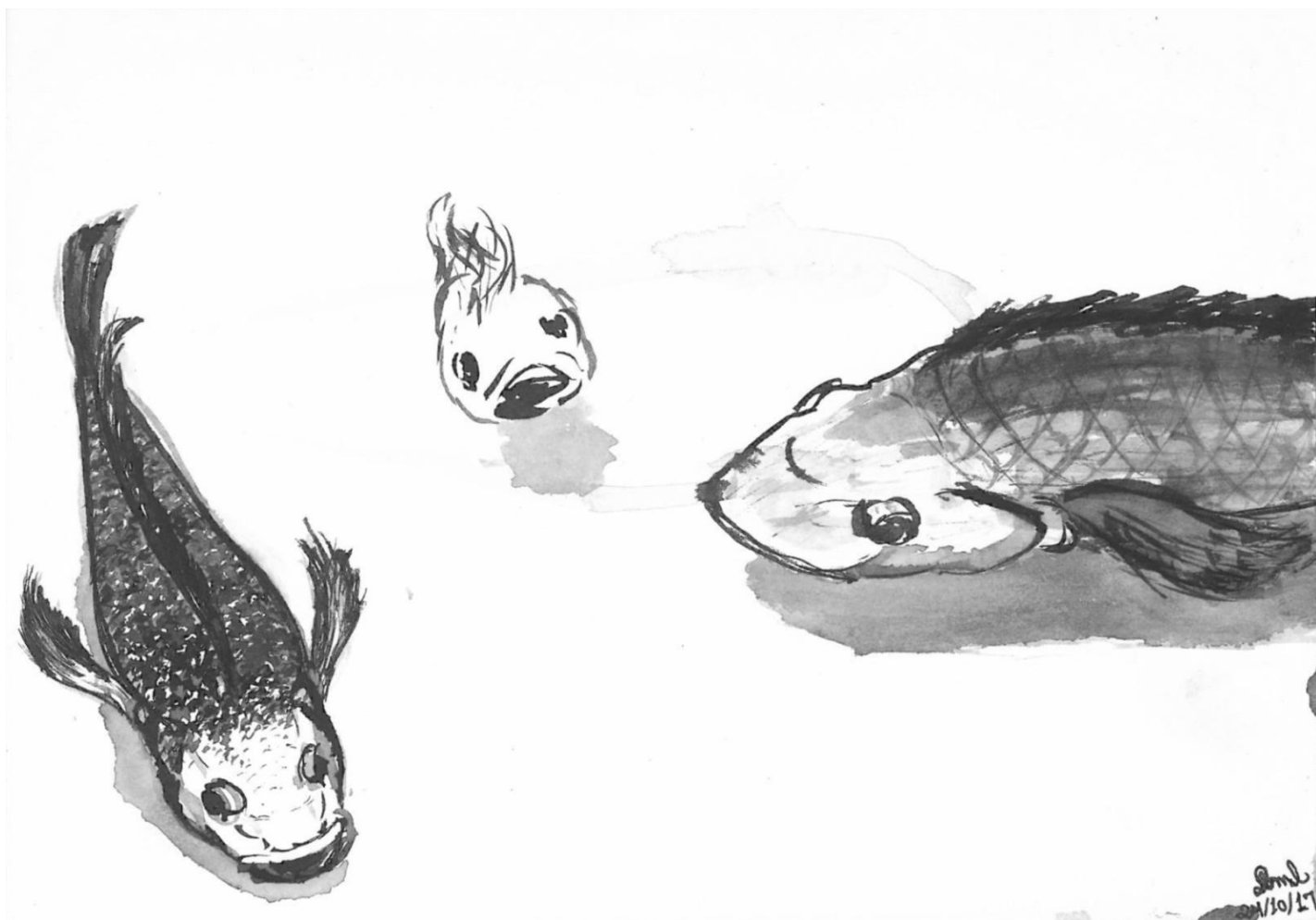
Ambos: Sem título – Pincel e tinta nanquim sobre papel Hahnemühle 140 g/m² – Dimensões: 20,7 cm x 14,1 cm – Data: 2017.



28/04/17

Nota 2: Errei na primeira tentativa o comprimento do nariz, assim, o prolonguei um pouco mais, deixando portanto duas narinas. Também me compliquei no escoreço e comprimento do braço direito da modelo, deixando-o um tanto indefinido. No entanto, gostei do enquadramento, da proporção, e das nuances de linhas da figura. Não gostei muito das sombras ao rosto, pois se aparentam um tanto artificiais; as fiz um pouco após o fim da pose da modelo, a partir através da ainda recente memória de um momento anterior.

Nota 1: como costume fazer recorrentemente, este desenho e os outros até agora foram feitos com um único pincel/caneta e executados diretamente, sem esboços. Não gosto muito de ficar mudando o material (caneta/pincel) utilizado durante a execução do desenho, e portanto, busco maneiras de explorar as variações/nuances técnicas e expressivas que o material permite. Assim, neste desenho busquei explorar as nuances de linha e a precisão através do pincel.



Sem título – Pincel e tinta nanquim sobre papel Hahnemühle 140 g/m² – Dimensões: 20,7 cm x 14,1 cm – Data: 2017.

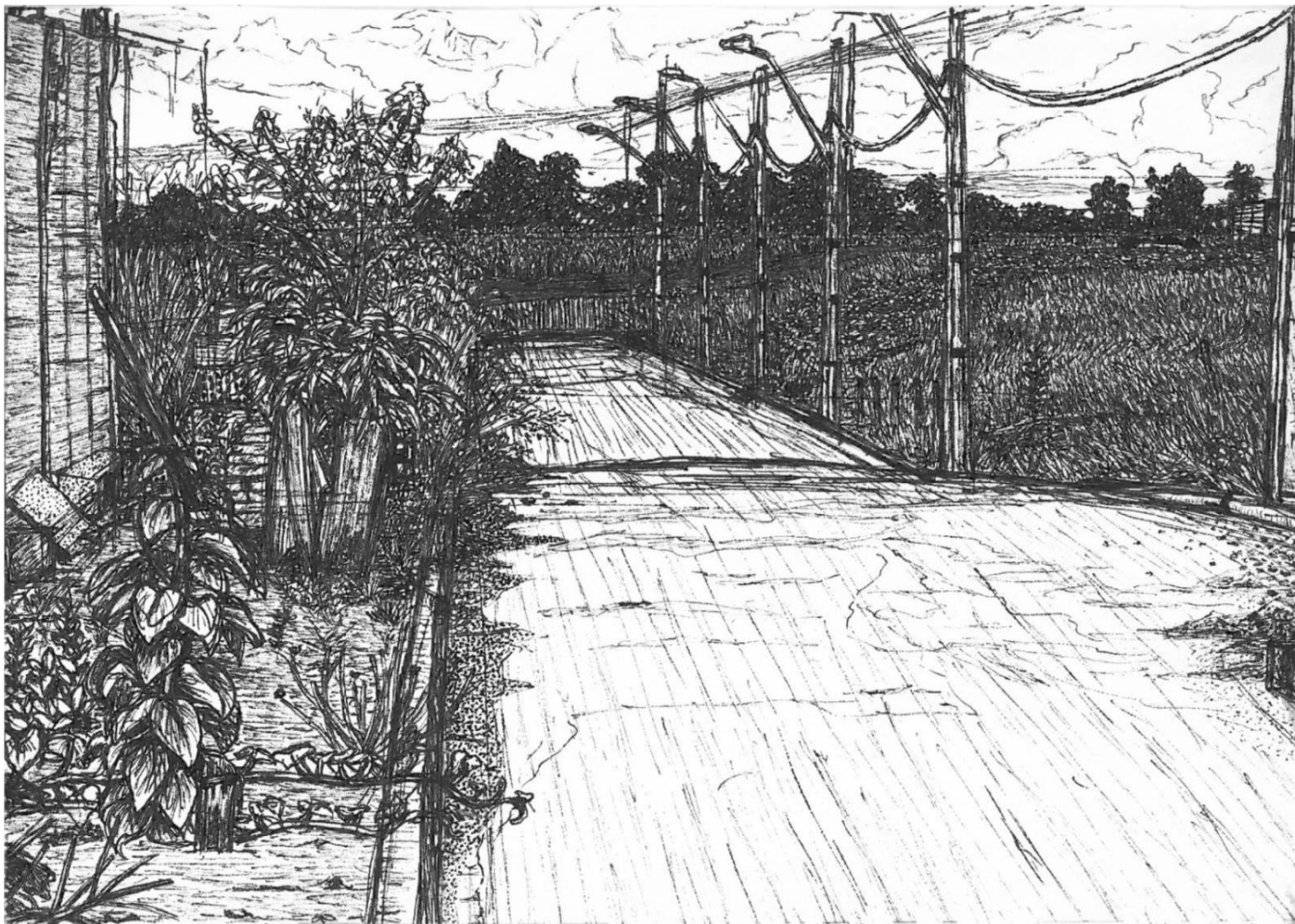
Peixes IGC -

Depois de algum tempo observando os peixes, começo a compreender melhor sua estrutura.

Para o peixe da direita, desenhei um que ficou mais parado num canto do tanque.

Para o peixe da esquerda, fiquei esperando que um peixe ou outro se voltasse ^{para} tal pose/posição em meio aos seus movimentos. A cada fragmento de instante destes eu tentava captar melhor a informação. ~~estava~~

Já para o peixe do meio, foi só um esboço do ~~um~~ momento em que um peixe "tomava ar".



Sem título – Canetas nanquim sobre papel Hahnemühle 140 g/m² – Dimensões: 20,7 cm x 14,1 cm – Data: 2019.

Nota 2: Também escureci a terra ao fundo do desenho e considerei ela melhor antes disso.

Nota: Acabei mexendo demais no desenho e tirando um pouco da sua variação tonal e perspectiva, sobretudo na grama ao lado direito do desenho. Em suma, acabei sobrecarregando demais o desenho com hachuras e o deixando um tanto monótono e sem a fluidez ~~parente~~ que havia em etapas anteriores de seu processo de construção, ~~com~~ O jogo de preto e branco era mais interessante e harmonioso quando as manchas ao chão da rua ~~eram~~ estavam totalmente em branco, as gramas se faziam menos densas e as nuvens mais destacadas e com menos linhas. Construir no preto e branco uma harmonia de modo que o olhar se detenha no todo do desenho e não fique sendo atraído para pontos isolados é bastante difícil, enquanto estragá-la é fácil, basta um mísero ponto ou linha fora do lugar, e assim tenho que mexer no desenho toda novamente. É aí que acabo sobrecarregando o desenho e o deixando mais denso e escuro. ~~Por isso~~ Talvez isso de ficar mexendo e remexendo (retocando) o desenho inúmeras vezes seja uma espécie de vício, e portanto preciso perdê-lo. Aprender a reconhecer quando ~~o desenho~~ Algo já está bom ~~ela~~ ~~imageticamente/esteticamente (neste caso referente ao desenho) e portanto compreender a hora de quando se deve parar de mexer/retocar o desenho é uma capacidade que tenho que desenvolver para ~~deixar~~ deixar meus trabalhos mais espontâneos e menos sobrecarregados/densos. ~~e evitar de estragar desenhos já bonis.~~~~

10/01/19 à 01/03/19 ~~10/01/19 à 01/03/19~~

7. AS EXPERIMENTAÇÕES NA GRAVURA EM METAL

Como os últimos trabalhos artísticos a apresentar aqui, gostaria de trazer algumas gravuras que realizei na disciplina de gravura em metal, a qual frequentei durante o ano de 2018. Realizei essa disciplina primeiramente sem estar matriculado, durante o primeiro semestre de 2018, e tendo como professor Afrânio Prado, e, posteriormente, no segundo semestre desse mesmo ano, a realizei novamente, agora efetivamente matriculado, e tendo como professor George Gutlich. Meu intuito ao fazer essa disciplina era aprender novas técnicas artísticas que me possibilitassem a construção de imagens em preto e branco, assim como também pensar a construção de minhas imagens através de processos e materiais distintos dos que utilizava no desenho.

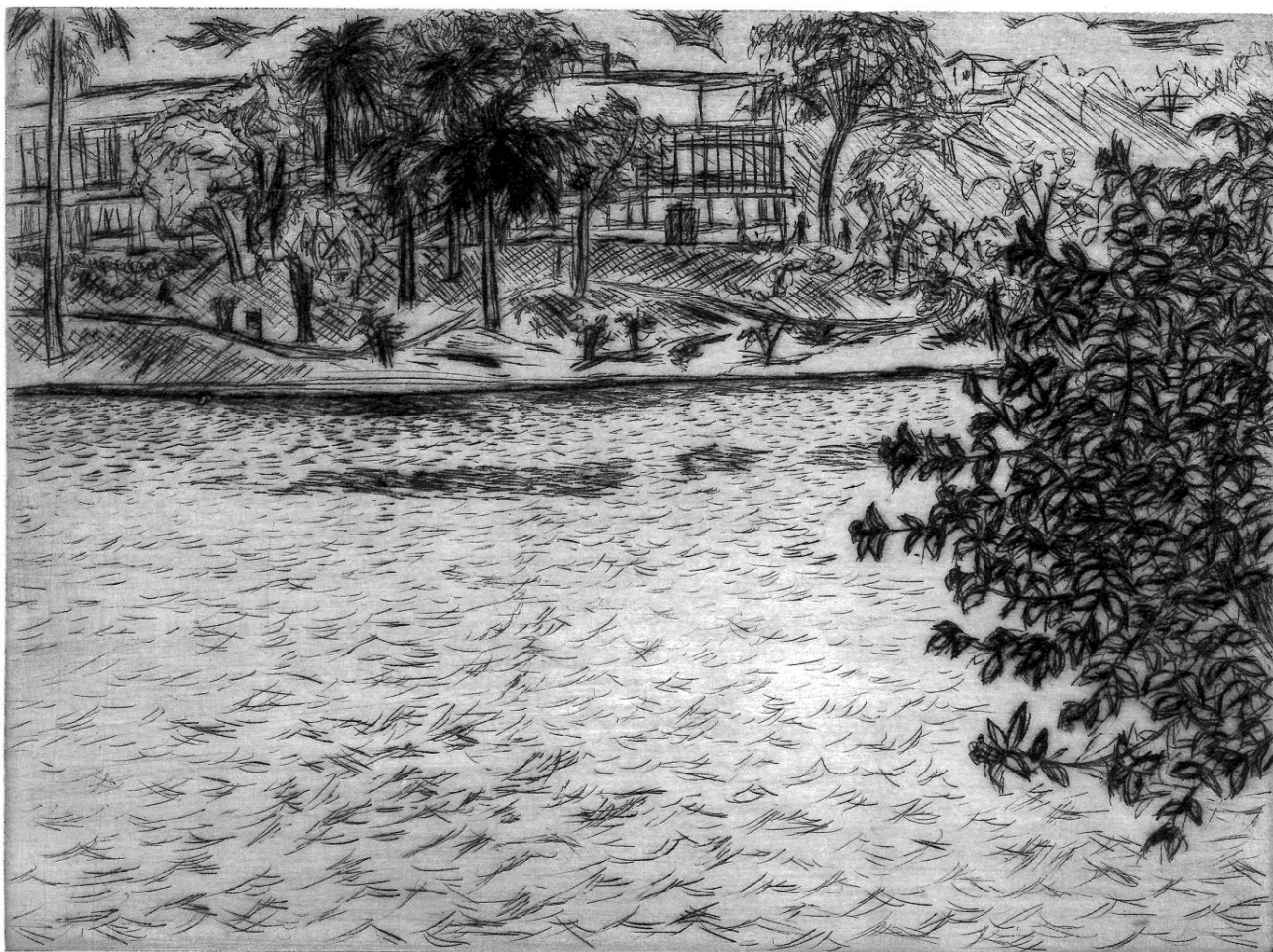
Para contextualizar aqui o que é a gravura em metal, posso dizer que ela se constitui em fazer um “desenho”⁹ em uma chapa de metal (que pode ser de cobre, alumínio, latão, etc), e imprimir este “desenho” numa folha de papel (própria para gravura) utilizando-se de uma prensa, geralmente mecânica. Para realizar o “desenho” na chapa, são utilizados instrumentos e processos que permitem riscar ou mesmo corroer áreas da chapa, criando nela relevos em profundidade que se configurarão no “desenho” da gravura. Para então transpassar esse “desenho” feito na chapa para o papel, de maneira geral, segue-se o seguinte processo: primeiramente preenche-se toda a superfície da chapa com uma camada de tinta gráfica, em seguida, se limpa a superfície da chapa de modo a deixar a tinta apenas nas partes constituintes do “desenho”, depois, a chapa é colocada sobre uma folha de papel levemente umedecida com água, e, por último, com o auxílio de uma prensa mecânica, a chapa é pressionada contra a folha e a tinta que configurava o desenho na chapa é transpassada então para o papel, gerando assim a impressão da gravura em metal.

O grande diferencial da gravura para com relação a outras técnicas artísticas de representação de imagens bidimensionais, tais como, por exemplo, o desenho e a pintura, se faz na possibilidade de se produzir várias cópias autênticas de um mesmo trabalho a partir de sua matriz, isto é, da chapa que contém a gravura.

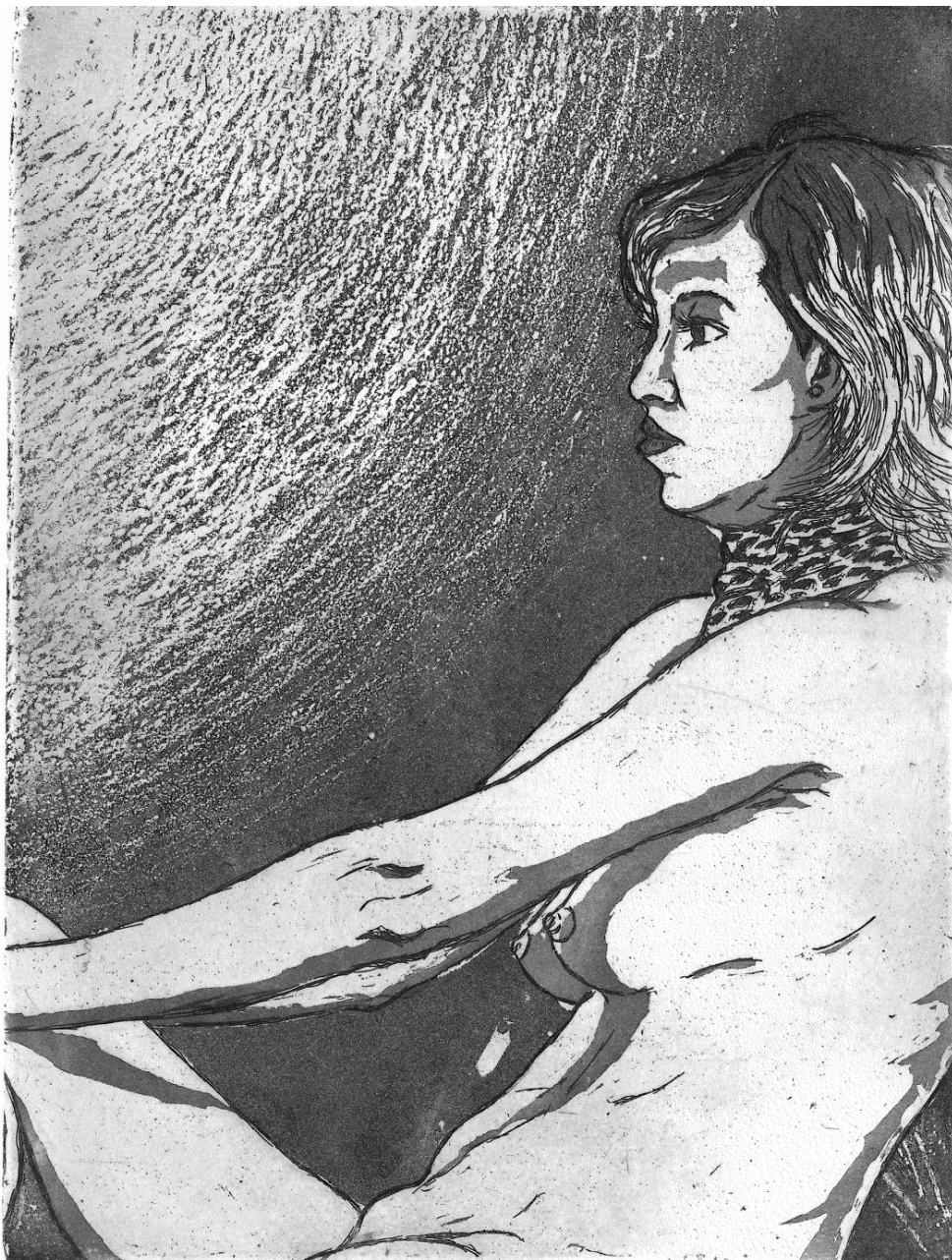
⁹ Aqui esse termo se refere à imagem produzida na chapa de metal, independentemente do processo utilizado.



Chapa de alumínio com gravura – imagem feita com ponta seca (uma espécie de lápis com uma ponta de metal afiada).



Sem título – Técnica: Ponta seca sobre papel Canson 200 g/m² – Dimensões: 14,8 cm x 19,9 cm – Data: 2018.
Processo: desenho de observação feito diretamente na chapa de metal.



Sem título – Técnica: água forte e água tinta sobre papel Debret 200 g/m².
 Dimensões: 15,2 cm x 20,2 cm – Data: 2018.
 Processo: Cópia de desenho do caderninho utilizando papel carbono (ver pág. 43).



Sem título – Técnica: Ponta seca e água forte sobre papel Canson Edition 250 g/m².
 Dimensões: 14,8 cm x 19,7 cm – Data: 2018.
 Processo: desenho de observação feito diretamente na chapa de metal.



Sem título – Técnica: água forte e água tinta sobre papel Debret 200 g/m² – Dimensões: 15,3 cm x 19,8 cm – Data: 2018.
Processo: desenho feito através da observação de uma fotografia que tirei em minha cidade (Luz-MG).

Durante o tempo que frequentei as aulas da disciplina de gravura em metal, não consegui me habituar e desenvolver um efetivo domínio dos materiais e processos de construção da gravura, assim, tive grandes dificuldades para realizar principalmente as linhas das gravuras, pois costumava riscar a chapa de metal de maneira muito superficial, não criando nela relevos profundos, o que consequentemente fazia as linhas do desenho ficarem muito fracas ou não aparecerem quando a gravura era impressa no papel, desse modo, por várias vezes, tinha que refazê-las ou retocá-las. Também não consegui atingir os tons de cinza e preto que queria nas imagens, de modo a dar a elas um maior contraste.

Através da construção desses trabalhos, constatei que ainda tenho que me desenvolver bastante na gravura em metal para que o resultado de minhas gravuras fique do jeito que desejo, isto é, similar ao que consigo obter nos meus desenhos em preto e branco. Por meio dessas gravuras também considerei que, utilizar uma maior variação de tonalidades de cinza em meus trabalhos, daria uma maior profundidade à perspectiva e dinamicidade à iluminação de minhas imagens, assim as tornando esteticamente mais interessantes.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procurei apresentar de maneira resumida como se desenvolveu a minha trajetória com a prática do desenho, desde o momento em que comecei a desenhar na infância até a minha conclusão do curso de Artes Visuais da UFMG, na habilitação de desenho.

O meu encanto e gosto pelos mangás e animes japoneses foi o que me levou a aprender a desenhar, e durante grande parte de minha infância e adolescência me dispus a reproduzir em desenho os personagens que gostava dessas mídias, fator este que me possibilitou construir uma base de conhecimentos em desenho ao longo dos anos.

Procurando aprender mais sobre desenho e aprimorar a minha prática do mesmo, no ano de 2013, adentrei no curso de Artes Visuais da UFMG, buscando nele um aprendizado técnico para melhorar meus desenhos. Embora o curso não tivesse um foco técnico, mas sim na reflexão sobre os trabalhos artísticos produzidos, através das disciplinas de desenho de observação de objetos, paisagem e figura humana, cursadas no meu terceiro período, pude aprender sobre técnicas de desenho e também sobre construção e representação de imagens. Por meio dessas disciplinas, consegui então desenvolver meu desenho em direção a uma vertente realista, e construí a capacidade de conseguir desenhar com relativa verossimilhança qualquer coisa que me disponha a observar, obtendo dessa maneira, o aprendizado técnico em desenho que buscava. A partir daí, enxerguei na prática de desenho de observação, um caminho para se aprender a desenhar qualquer coisa do mundo, e, ao longo do curso, a utilizei para desenhar as pessoas e paisagens que me dispus a observar pelo campus da UFMG. Realizei a maioria desses desenhos em preto e branco, buscando uma aproximação deles com os desenhos dos mangás.

O contato com as obras de certos artistas consagrados pela história da arte, me levou a descobrir quais os meus interesses de representação com o desenho de observação, e também influenciou a minha prática do mesmo. Através da observação atenciosa dos trabalhos dos artistas que gostava, pude aprender várias coisas sobre construção de imagens e maneiras de utilização dos materiais artísticos, aprendizados esses que procurei incorporar a minha prática de desenho, e que me trouxeram um grande amadurecimento artístico.

Os desenhos e as notas de artista que realizei nos caderninhos durante os anos de 2016 e 2017, me proporcionaram uma melhor compreensão da minha prática artística, e também

me apontaram alguns pontos dela que poderiam ser reformulados e/ou aprimorados, a fim de melhorar a estética dos meus desenhos. Ainda, por meio dos desenhos feitos nesses caderninhos, desenvolvi certa agilidade no desenho de observação, a ponto de conseguir desenhar pessoas que estão em constante movimentação; aprendi bastante em relação ao desenho de anatomia humana; e adquiri uma maior destreza e precisão no uso do pincel e tinta nanquim.

Já através das gravuras em metal que executei no ano de 2018, percebi que ainda tenho muito a aprender e melhorar na questão da intensidade das linhas e do emprego de tonalidades de cinza em minhas imagens, seja nas gravuras ou nos desenhos, e também que devo explorar de maneira mais abrangente e eficiente as tonalidades de cinza em meus trabalhos, para assim deixa-los mais interessantes esteticamente.

Posso dizer que, no decorrer de todos esses anos, a prática do desenho foi para mim não só uma maneira de eu me expressar artisticamente, mas também de eu aprender sobre aquelas coisas que me interessavam, seja sobre os desenhos dos mangás e animes, a construção e representação de imagens, técnicas em desenho e arte, ou sobre a estética das coisas que se encontravam no mundo a minha volta, mais precisamente, daquelas que sob minha visão se faziam belas e/ou interessantes de retratar.

Por fim, digo que todo o aprendizado teórico e prático que construí ao longo do curso, foi fundamental para que eu me constituísse enquanto um artista e me desenvolvesse enquanto desenhista. Nos anos que se seguem, pretendo continuar aprendendo mais sobre arte e desenho, e quero me aprimorar cada vez mais nessas áreas e conseguir produzir trabalhos cada vez melhores. Como um produtor de imagens, espero que assim como os mangás e animes me encantaram, e, posteriormente, os trabalhos de determinados artistas consagrados pela história da arte, os meus desenhos possam também encantar as pessoas de alguma forma, e quem sabe, até mesmo despertar nelas o interesse e o gosto pelo desenho e pela arte.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. Murta. **O pensamento vivo de Da Vinci**. São Paulo: Martin Claret Editores, 1985.

EDIT, Victor Civita. **Mestres da pintura Dürer** – 1ª ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GÊNIOS DA ARTE, coleção. **Leonardo da Vinci**. Tradução: Mathias de Abreu Lima Filho. Barueri, SP: Editora Girassol; Madri: Susaeta Ediciones, 2007.

GÊNIOS DA ARTE, coleção. **Monet**. _____.

GÊNIOS DA ARTE, coleção. **Rembrandt**. _____.

GÊNIOS DA ARTE, coleção. **Van Gogh**. _____.

GOGH, Vincent Van. **Cartas a Théo**. Tradução: Pierre Ruprecht – 2ª ed. – Porto Alegre: L&PM, 2008.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da arte**. Tradução: Álvaro Cabral – 16ª ed. – Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1999.

OSTROWER, Fayga. **Goya artista revolucionário e humanista**. São Paulo: Editora Imaginário, 1997.

RYCKMANS, Pierre. **As anotações de pintura do monge Abóbora-Amarga**: tradução e comentário da obra de Shitao/ Pierre Ryckmans. Tradução para o português: Carlos Matuck e Giliane Ingratta. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

SCHAPIRO, Meyer. **Impressionismo**: reflexões e percepções. Tradução: Ana Luiza Dantas Borges. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.